

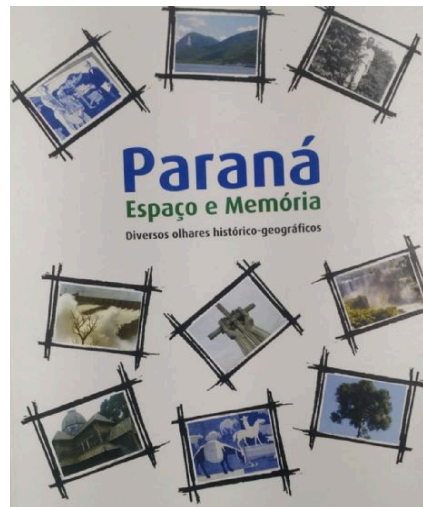


JESUÍTAS E BANDEIRANTES NO GUAIRÁ: FÉ, ESCRAVIDÃO E RESISTÊNCIA

Heráclio Durán Serra Sobrinho¹
Jonathan Antunes de Oliveira²
Vitor Mariano Gonçalves Dockhorn³

Referência do capítulo:

VIANA, Gilberto de Souza. Jesuítas e bandeirantes no Guairá (1600-1648). In: SCORTEGAGNA, Adalberto; REZENDE, Cláudio J. e TRICHES, Rita Inocência (org.). **Paraná, espaço e memória: diversos olhares histórico-geográficos**. Curitiba: Editora Bagozzi, 2005, p. 83-105.



O texto *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1600-1648)*, escrito por Gilberto de Souza Vianna, Doutor em História Social e Mestre em História da Educação, foi publicado na coletânea intitulada *Paraná, Espaço e Memória: diversos olhares histórico-geográficos*. Este capítulo do livro (pgs. 83-105) trata da relação de conflito entre o projeto de educação dos indígenas levado a cabo

¹ heraclioduran@yahoo.com.br

² jonathan.olimed@gmail.com

³ vitor.goncalvesdock@gmail.com



pelos missionários católicos jesuítas espanhóis e os interesses escravocratas dos colonos luso-brasileiros, especialmente os bandeirantes paulistas, no Brasil Colônia, no século XVII, na região do Guairá, ou Guaíra, território localizado à oeste do centro sul do Brasil nas fronteiras com Paraguai e Argentina, então sob domínio da coroa espanhola.

O capítulo aborda de maneira aprofundada o contato dos missionários jesuítas com os indígenas e com os bandeirantes paulistas. Com diversas referências históricas, mostra os choques culturais, ideológicos, religiosos e políticos que marcaram esse período. Por meio de um olhar crítico e reflexivo, Vianna apresenta ao leitor as motivações ideológicas e políticas que opunham missionários da *Companhia de Jesus* e colonos luso-brasileiros, principalmente paulistas.

No início do capítulo, Viana assinala que a Companhia de Jesus foi fundada por Inácio de Loyola, fidalgo da corte de Fernando de Aragão, que havia sido militar do exército espanhol e vivenciado as “conquistas” do Novo Mundo, antes de descobrir sua vocação religiosa. A Companhia de Jesus foi reconhecida pelo papa Paulo III, em 1540, e se estabeleceu com um projeto pedagógico e evangelizador que conquistara grande influência nas cortes européias (p. 84). O autor salienta o impacto devastador que sofreram os povos indígenas devido a tentativa da Igreja de construir uma nova ordem social inspirada na fé cristã e na comunhão comunitária em confronto com uma ordem colonial portuguesa baseada na escravidão. Bem embasado em fontes e referências, o capítulo de Vianna é um texto de leitura rápida e dinâmica, com a presença de imagens cartográficas, ou de projeção espacial, que complementam visualmente a análise e facilitam a compreensão da história apresentada, indispensável para um melhor discernimento da complexidade do universo colonial sul-americano.

Mais adiante no texto, o autor apresenta de forma crítica o sistema de Padroado, pelo qual as Coroas ibéricas assumiram a responsabilidade pela evangelização nas colônias. Diante disso, Vianna destaca a maneira como esta aliança entre Igreja e Estado resultou em disputas de autoridade, sendo mais especificamente o caso da Companhia de Jesus, que frequentemente agia de forma independente, mais influenciada pela Igreja do que pela Coroa. Desse modo, em constante tensão e confronto com as elites coloniais e com os poderes locais, os jesuítas atraíram para si forte hostilidade. Além disso, o autor consegue demonstrar que, embora estivessem relacionados ao contexto



político colonial, os missionários jesuítas nem sempre eram coniventes com o sistema, ainda que, paradoxalmente, também contribuíssem para a sua manutenção (p. 86-87).

Outro ponto que merece destaque, é a anotação do autor sobre o papel central dos inacianos na busca de uma reestruturação social e espiritual das populações indígenas, em especial os Guarani. Sobre isso, Vianna explicita como os missionários, além da catequização, buscavam moldar o cotidiano dos nativos para que agissem de acordo com os valores do cristianismo europeu (p. 94-97).

Ao longo do texto, é apresentada a proposta inaciana de uma “República Cristã Guarani” que seria um modelo de sociedade teocrática, disciplinada e comunitária, com o objetivo de se tornar uma nova alternativa ao modelo colonial baseado na exploração e na escravidão. Entretanto, essa proposta tinha como efeito colateral o rompimento com os costumes, crenças e, até mesmo, com estruturas sociais já adotadas pelos povos originários, sendo, através disso, explicitado o caráter de violência cultural do processo de evangelização.

Não obstante, o escritor, ao traçar o perfil dos bandeirantes paulistas, destrói os mitos heróicos que são comumente associados a esses personagens, esclarecendo que, longe de serem apenas desbravadores corajosos, eram agentes e frutos de uma economia agressiva, sustentada pela caça e escravização dos indígenas. Dessa forma, Vianna revela a faceta oportunista do projeto bandeirantista, muitas vezes sustentado por alianças com autoridades corruptas, como o governador do Paraguai entre 1631 a 1633, Luís de Céspedes y Xería, escravocrata, militar e administrador da Coroa de Castela. Essas alianças revelam meros interesses por lucro e mão de obra barata ou escravizada, opções políticas que se sobressaem a qualquer questão, sendo ética ou religiosa (p. 99-102).

Na parte conclusiva do texto, Vianna destaca o impacto humano de todo esse processo marcado por destruição de dezenas de assentamentos, morte de milhares de indígenas e abalo às práticas culturais originárias. O autor comenta o deslocamento forçado dos sobreviventes, liderado por figuras como o jesuíta Antonio Ruiz de Montoya, que, ao perceber a iminente destruição das missões jesuíticas no Guairá pelos bandeirantes paulistas, demonstrou coragem e liderança excepcionais ao conduzir milhares de indígenas Guarani em uma arriscada travessia de milhares de quilômetros em



direção ao sul com o fito de estabelecer novas “reduções jesuíticas” às margens direita e esquerda do rio Uruguai no sul do Brasil. Os jesuítas, por fim, reuniram parte significativa da população Guarani da região do Guairá nos campos do sul, revelando um esforço quase épico em defesa da fé e a favor de uma compreensão cristã da dignidade indígena.

O estudo Viana não se limita apenas à análise estrutural das instituições coloniais, mas também se dedica às experiências de sofrimento e resistência dos povos originários. Desse modo, ao expor a complexidade e os paradoxos da colonização no Guairá, o autor convida o leitor a refletir sobre as heranças de um passado violento, muitas das quais ainda ecoam nas relações sociais e do presente.

Em suma, *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1600–1648)* é um texto que analisa de forma crítica um momento conflituoso do Brasil colonial. Gilberto de Souza Vianna retrata em detalhes as contradições na disputa pelo poder colonial na América entre missionários e escravocratas de modo a revelar não apenas os interesses políticos e econômicos desses grupos, mas também as consequências nefastas de seus atos colonizatórios, na medida em que eles foram, muitas vezes, levados a cabo por meio de ataques violentos às comunidades indígenas e alteraram forçosamente as suas práticas culturais e sociais. O autor contribui para a necessária revisão da história tradicional da colonização cristã colonial, desconstruindo mitos e colocando em evidência a complexidade das relações entre fé, poder e dominação. Sua narrativa convida o leitor a refletir de maneira crítica o passado colonial e seus reflexos no presente, reforçando a importância de se analisar os processos de colonização para além das visões romantizadas ou simplificadas.